



Foto: Maria Simões



REVISTA DO INSTITUTO
HISTÓRICO E GEOGRÁFICO
DO RIO GRANDE DO NORTE

FUNDADO EM 29 DE MARÇO DE 1902

Nº 97

2018

Catálogo da publicação na fonte.
Bibliotecária Verônica Pinheiro da Silva - CRB 15/692.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico do RN / Instituto Histórico e Geográfico do RN. - v. 1 (1903). Offset Gráfica. Natal: IHGRN, 1903.

v. 97 (Abril/Maio/Junho de 2018).

277 p.:il.

ISSN: 2526-4958

Trimestral

1. História - periódico. 2. Geografia. 3. Genealogia. 4. Antropologia. 5. Rio Grande do Norte. I. Instituto Histórico e Geográfico do RN.

CDU 9 (813.2)

- 7 Editorial
Gustavo Sobral, o editor
- 9 A leal aliança do índio
ceará-mirinense Felipe Camarão e sua participação nas
guerras da colonização
Cleoneide Maria Maciel da Silveira
- 15 Representação política do Seridó na composição da
Assembleia Legislativa do RN em 1835
Antonio Luiz de Medeiros
- 19 O brasão de armas e a bandeira do Rio Grande do Norte
André Felipe Pignataro Furtado de Mendonça e Menezes
- 25 Um historiador diante do arquipélago de São Pedro e São
Paulo: apontamentos à margem e no centro de uma pesquisa
Raimundo Arrais
- 47 O mais antigo marco colonial do Brasil – século XVI
Oswaldo Câmara de Souza
- 55 Proto história do Rio Grande do Norte, Tarcísio Medeiros
André Felipe Pignataro Furtado de Mendonça e Menezes
- 56 Homens de outr’ora, Manoel Dantas
Marcus Victor Siqueira Josuá Gomes
- 57 História da Fortaleza da Barra do Rio Grande,
Hélio Galvão
Roselia Cristina de Oliveira
- 59 Nomes da terra, Luís da Câmara Cascudo
Pedro Simões Neto Segundo
- 61 Aniversário de 116 anos do IHGRN
Ormuz Barbalho Simonetti
- 69 Saudação do orador no aniversário de 116 anos do IHGRN
Lívio Oliveira

- 73 Relatório da biblioteca, arquivo e museu
Gustavo Sobral
Pedro Simões Neto Segundo
Igor Oliveira da Silva
- 85 Política de formação e desenvolvimento de coleções
Gustavo Sobral
André Felipe Pignataro de Furtado Mendonça e Menezes
Igor Oliveira da Silva
Cristiane França Bezerra de Melo
- 91 Álbum fotográfico
- 113 Dossiê temático Municípios do Rio Grande do Norte
- 113 Nota editorial
Gustavo Sobral
- 115 Da Ribeira do Acauã ao Acary de todos nós
Cícero Araújo
- 118 Apodi, terra indígena de inúmeras riquezas
Maria Vilmaci Viana dos Santos
- 122 Arês sucintamente retratado
Pedro Lins Neto
- 126 Histórico do município de Assú
Francisco José Costa dos Santos
- 130 Caicó - um pouco sobre a história da cidade
Fernando Antônio Bezerra
- 134 Canguaretama
Francisco Galvão
- 138 Ceará-Mirim: da Aldeia de São Miguel do Guajiru à Boca da Mata
Gerinaldo Moura da Silva
- 144 Espírito Santo
João Samuel Lyle Nelson Neto
- 147 Felipe Guerra – cidade de belezas naturais e arquitetônicas
Geraldo Francisco Chaves
- 151 A cidade de Goianinha
Ormuz Barbalho Simonetti

- 154 Governador Dix-sept Rosado: fé, alho e calcário.
Erasmu Carlos Firmino.
- 158 História de Grossos
Ana Claudia Melo Marques
- 161 Guamaré e sua história
Maria Jandir Candéas
- 165 Aspectos históricos de Jardim de Piranhas
Alcimar da Silva Araújo
- 168 A minha Jardim do Seridó
Manoel de Medeiros Britto
- 172 Da fazenda à cidade: a construção do município de Jucurutu/
RN
Nanael Simão de Araújo
- 175 Lagoa Nova: diante da pequena lagoa, à sombra da Baraúna e
da Gameleira
Eliabe Davi Alves
- 181 Macaíba – um pouco de sua história
Valério Alfredo Mesquita
- 185 Macau, um presente das águas - o batismo do nome
Horácio de Paiva Oliveira
- 189 Martins: síntese histórica
Manoel Onofre Jr.
- 195 Montanhas
José Carlos da Silva Paixão
Genival Ribeiro de Medeiros
- 198 Minha querida Mossoró global
Maria Conceição Maciel Filgueira
- 204 Natal – história e estórias
Carlos Roberto de Miranda Gomes
- 210 Nova Cruz: ontem, hoje e amanhã
Daladier Pessoa Cunha Lima
- 218 Origem e evolução da história de Olho D'água do Borges/RN
Francisco de Assis de Barros

- 222 Parelhas! Um pouco de sua história e do seu futuro
Ildelita Roque
- 226 Pau dos Ferros ontem e hoje
Honório de Medeiros
- 230 Pedro Velho
Marcos Tavares da Fonseca
- 234 Santa Cruz – particularidades históricas e sociais
Renan II de Pinheiro e Pereira
- 238 Santo Antônio, a princesa do agreste potiguar
Helena Monteiro
- 242 São Gonçalo do Amarante – um presente do rio Potengi
Manoel Marques Filho
- 246 São José do Mipibu
Eulália Duarte Barros
- 249 São José do Seridó
Adauto Guerra Filho
- 253 Sobre a fundação da Villa de São Miguel de Pau dos Ferros
Gaudêncio Torquato
- 257 São Paulo do Potengi - um pouco de sua história
José Ferreira da Rocha
- 262 São Tomé, quem te viu, quem te vê
Haroldo Pinheiro Borges
- 267 Tibau do Sul
Rochael Arthur Galvão
- 271 Várzea
Riselda Ferreira de Queiroz Oliveira
- 274 Vila Flor
João Alves Galvão Neto

Editorial

Gustavo Sobral, o editor

Biblioteca, arquivo e museu, o Instituto Histórico soma a este tripé a essencial edição da sua revista mais que centenária. De 1903, quando saiu o primeiro número, até hoje, são 97 edições. A sua história, que espera ser contada um dia, é a própria história do Rio Grande do Norte e desta Instituição.

História, geografia, memória, identidade, cultura, sua abrangência é múltipla e seus articulistas diversos. Textos livres, ao estilo do autor, sobre temas essencialmente norte-rio-grandenses. É a praxe. Artigos e ensaios, a forma de expressão. Unindo temas de hoje e de ontem, autores de agora e de outros tempos, publicados e republicados.

Os temas dos artigos são o índio Felipe Camarão e a bandeira e o brasão do Rio Grande do Norte, continuação do trabalho sobre os símbolos do Rio Grande do Norte, que começa com o hino na edição passada, a 96; o ensaio da vez é sobre o arquipélago de São Pedro e São Paulo, colaboração do professor Raimundo Arrais, que vem se dedicando a pesquisar e conhecer Natal e o Rio Grande do Norte.

O texto sobre patrimônio é o registro do Marco de Touros, capítulo do levantamento promovido por Oswaldo de Souza. E aparece em momento oportuno, quando é anunciada a restauração da Fortaleza dos Reis Magos, cuja capela foi matéria da seção patrimônio da edição anterior (96), que também vale conferir.

O documento escolhido para esta edição é parte do diversificado acervo fotográfico do Instituto, ainda à espera de organização e catalogação. Um álbum de registros do processo de perfuração de poços públicos no Rio Grande do Norte, reproduzido na íntegra.

Nesta edição, publicamos algumas resenhas sobre obras primas da bibliografia norte-riograndense. Os autores são aqueles que diariamente atuam na biblioteca, no arquivo e no museu, preparando o novo Instituto.

Além disso, o registro das atividades casa: os últimos discursos, a política de formação e desenvolvimento de coleções instituída para o acervo e o relatório da biblioteca, arquivo e museu.

A última novidade vem ao final. É a publicação de um dossiê com o histórico de alguns municípios do Rio Grande do Norte (mais detalhes na nota editorial que o antecede). E assim a revista permanece com o seu arrojado e elogiado projeto editorial e gráfico.

História

A leal aliança do índio ceará-mirinense Felipe Camarão e sua participação nas guerras da colonização

Cleoneide Maria Maciel da Silveira

Sócia do IHGRN. Cleoneide Maciel é graduada em Normal Superior e Pedagogia. Especialista em Mídias na Educação. Especialista em Gestão Escolar. Especialista em Docência no ensino Superior. Mestra em Ciências da Educação e Multidisciplinaridade. Neste artigo, dedica-se a recuperar a presença do herói Felipe Camarão no Rio Grande do Norte.

A ilustre figura do índio Poti – Antônio Felipe Camarão, “[...] se disse nascido no lugar “Seri”, “Ceará”, perto da estação de “Massangana”, do atual município de Ceará-Mirim” (LIMA, p.101), no ano de 1601. Pertencia ao grupo dos índios Potiguares e teve uma célebre participação na história das guerras pernambucasas, no século XVII, em fiel aliança com os portugueses.

Tais feitos lhe rendem hoje seu nome gravado no “Livro de Aço”, como herói do Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, em Brasília; Nome de um bairro do Município de Natal/RN; nome do Palácio, sede da prefeitura municipal de Natal/RN, nome de uma rua e uma escola no seu Município de nascimento, Ceará-Mirim/RN, além do seu nome em muitas outras ruas, escolas, instituições e locais de outros municípios Brasil afora. Vale ressaltar que o índio Poti escreveu eu nome na história desse país devido à sua bravura e poder de liderança.



Retrato de Filipe Camarão.
Anônimo. Óleo sobre tela,
96 x 70 cm.
Museu do Estado de
Pernambuco, Recife, PE.

As fontes históricas indicam que ele esteve à frente das tropas indígenas na Guerra de Resistência (1630-1637), como também no período da Restauração Pernambucana (1645-1654), quando os invasores são expulsos. Desde o início, se manteve fiel aos portugueses, participando de importantes batalhas, como por exemplo, a dos Guararapes (FAGUNDES, 2016, p.33).

Muitos historiadores e estudiosos questionam a lealdade de Felipe Camarão aos portugueses, haja vista no contexto histórico da época, os holandeses ofereciam maior “liberdade” aos índios, não havendo escravidão destes.

Para compreender tal situação, se faz necessário analisar quais as reais intenções dos holandeses, que apresentavam totalmente contrárias aos interesses lusitanos. Os portugueses, vieram para o Brasil com fins exploratórios e colonizadores. Já os holandeses, queriam apenas explorar os benefícios encontrados na colônia. Ainda assim, o índio Poti mantinha-se leal.

O fato decisório para a oposição dos portugueses aos holandeses,

[...] ocorreu em decorrência da intensificação da cobrança de impostos e também da cobrança de empréstimos realizados pelos senhores de engenho de origem portuguesa com os banqueiros holandeses e com a Companhia

das Índias Ocidentais, empresa que administrava as possessões holandesas fora da Europa. Outro fato que acirrou a rivalidade entre portugueses e holandeses foi a questão religiosa. Boa parte dos holandeses que estava na região do Recife e Olinda era formada por judeus ou protestantes. Nesse contexto religioso que trazia as consequências da Reforma e da Contrarreforma para solo americano, o catolicismo professado pelos portugueses era mais um elemento de estímulo para expulsar os holandeses do local (SCOTT,p.05-06).

Desse modo, a questão religiosa, colocada pelos portugueses por meio dos jesuítas, a fim de catequizar os indígenas brasileiros, e observada na vida do índio Felipe Camarão, leva a crer que o processo de colonização portuguesa pode não, necessariamente, ter ocorrido em sua totalidade em forma de massacre, mas que se deve levar em consideração as motivações e interesses indígenas ao se inserirem nesse processo.

No caso do índio Poti, foi catequizado em concordância com a fé católica, em convivência com uma missão jesuíta, tendo aprendido português e algumas noções de latim. Alguns estudiosos afirmam que possuía boas maneiras e uma formação religiosa exemplar. E ainda, que detinha boa oratória, surpreendendo a muitos.

Essas especificidades do índio Poti o colocavam numa posição de destaque, diante dos demais. Além de suas habilidades, sua bravura e capacidade de liderança e mobilização dos indígenas para lutar ao lado dos portugueses, acabaram sendo decisivos na aquisição dos títulos por ele recebidos.

Muito se fala sobre a atuação de Felipe Camarão nas guerras holandesas, mas, Fagundes (2016) afirma que tal atuação ocorre apenas a partir de 1933, e ainda assim, antes dessa atuação

“o rei Felipe IV de Espanha comprometeu-se a conceder ao índio potiguar largas mercês, dentre elas, o hábito da Ordem de Cristo, a patente de Capitão-mor dos potiguares, o brasão de armas e soldo, totalizando 80 mil réis”(FAGUNDES, 2016, p.35).

A Carta Régia do referido rei transcreve:

“Eu el Rei vos mando louvar com brevidade ao Índio principal que vos assiste, que se chama, Antônio Felipe Camarão de nação Potiguar, e que todos os índios dessa capitania e os das mais até o Ceará o respeitão, e

serve desde o princípio da guerra nas instâncias mais arriscadas, e junto ao inimigo pelejando em todas as ocasiões com muito valor, e é bom cristão, e dele depende a conservação dos mais índios e, havendo respeito a seus procedimentos hei por bem de lhe fazer mercê do hábito da Ordem de Cristo com 40.000 de renda, e que se lhe passe patente do Capitão-mor dos índios potiguares com 40.000 de soldo, pagos no Almoarifado dessa Capitania, e se lhe dê um brasão de armas (...) (FAGUNDES, 2016, p.35).

Por meio desse entendimento, fica claro que as menções honrosas recebidas por Felipe Camarão, além de colocá-lo em posição de destaque perante os demais índios Potiguares, reforçava seu poder de liderança e a aliança com os colonizadores.

“Esse comprometimento nos mostra a importância que a força indígena tinha nessas guerras. Portanto a Coroa ibérica não queria perder, de forma nenhuma, esses aliados, já que representavam uma colaboração militar muito valiosa” (FAGUNDES, 2016, p.35).

Para uma melhor compreensão do merecimento dos títulos recebidos por Poti, ainda Fagundes (2016) afirma que:

Os cavaleiros das ordens militares eram defensores da cristandade (comunidade cristã), lutavam contra os infiéis e prestavam serviços ao papa. Aos poucos, o título de cavaleiro perdeu o aspecto religioso e tornou-se um símbolo da monarquia. [...] Com relação às guerras luso-holandesas, os hábitos (títulos) de cavaleiro das ordens militares era o principal trunfo para remunerar a valentia e lealdade de súditos como Felipe Camarão (FAGUNDES, 2016, p.19).

Assim, verifica-se que a postura desse indígena tem uma forte e determinante influência nas ações bélicas da época. Entretanto, a trajetória de lutas do índio Poti – Felipe Camarão finaliza-se em 1648 com seu falecimento. O cronista Diogo Lopes relata que

“Por este tempo morreu o governador dos índios, D. Antônio Felipe Camarão, tão afamado e nomeado nestas campanhas por seus ilustres feitos, deixando a todos geralmente sentidos de sua morte, sabendo a falta que fazia, sendo este índio tão fidelíssimo à nação portuguesa, acompanhando sempre os portugueses, (...) sendo bastante experimentado soldado e grande ardiloso

na guerra, e muito bom cristão. (...) Por ser entre eles pessoa muito principal, e a quem todos os índios destas capitánias obedeciam; chamava-se antes de ter o Dom, Antônio Poti, que na sua língua quer dizer-Camarão; e era tão exato em suas coisas (...). Foi enterrado com muita honra e pompa funeral na igreja do arraial, deixando seus soldados índios tristes pela sua morte. (...) e é para notar que a última ocasião que este se apresentou em vida, foi à batalha dos Guararapes primeira, e daí a coisa de um mês se lhe seguiu a morte de doença; porque homem tão animoso à última pendência da vida, que foi tão famosa, fosse a que fechasse a mesma vida a suas proezas(...)" (FAGUNDES, 2016, p.41).

Por meio da fala desse cronista percebe-se o efeito que causara a morte de Felipe Camarão no contexto épico, causando grande sentimento.

A apresentação dos pontos de vista desse artigo, tem o intuito de analisar a verdadeira forma de colonização ocorrida, principalmente no nordeste brasileiro: verificar as relações e interesses existentes entre os participantes da ocupação, exploração e colonização desse território. Nessa relação, encontram-se os que têm seu território invadido e explorado: os alvos a serem colonizados.

Essa relação constitui-se de interesses de todos os tipos, dentre eles, a intenção colonizadora de Portugal, com importantes aliados, como a França. No contexto colonizador, a Holanda passa a ser um inimigo e a figura do índio Felipe Camarão, com a destreza de mobilização, liderança indígena e capacidade de planejamento bélico, torna-se aliado incontestável nas guerras luso-holandesas.

A fidelidade do índio Poti é um dos curiosos elementos de análise, haja vista não ser muito comum um índio livre se manter fiel ao seu opressor. É esse comportamento que chama a atenção para uma análise minuciosa de como ocorrera, de fato, a colonização. Poti era um cavaleiro honrado e se comportava como um dos colonizadores. Sua presença, perante muitas tribos de todo o nordeste, era causa de honrarias, respeito e obediência.

O índio Felipe Camarão é figura ilustre ceará-mirinense, que escreveu seu nome na história do Brasil, por meio de sua atuação com bravura e honra. Os ancestrais, brasileiros puros, os índios presentes no território brasileiro, vivenciaram muitos conflitos e intervenções, não cabendo nesse texto a análise de vantagens ou prejuízos, mas sim, a importância que esses conflitos e relações para a formação da sociedade brasileira atual: diversificada.

Que esse texto não seja um fim, mas o início de um novo paradigma de análise da colonização brasileira, levando em consideração elementos ainda pouco mencionados no meio acadêmico, mas que desvelem a história em sua essência, bem como preservem a memória de importantes figuras que deixaram um legado histórico. Desse modo, será possível compreender quais as relações constituintes da formação da sociedade brasileira, assim como, reconhecer de direito e de fato, os interesses atribuídos a todos os atores e figurantes da história do Brasil, mesmo desde antes da colonização.

Referências

- LIMA, Nestor dos Santos. In: MELO, João Alves de. Natureza e história do Rio Grande do Norte: 1501-1889 p. 101 - 104. Imprensa Oficial, 1969.
- FAGUNDES, Igor. A história do Índio Antônio Felipe (Poti) Camarão. Universidade Federal Fluminense. Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – PEH. Mestrado Profissional em Ensino de História. Niterói. 2016.
- SCOTT, Thiago. História de Pernambuco: Invasões Holandesas/Insurreição Pernambucana.